

*Vertentes e Interfaces I: Estudos Literários e Comparados***A FLOR DE MULUNGU:  
POR UM SUPLEMENTO BIOGRÁFICO-CULTURAL***Viviani Cavalcante de Oliveira Leite\***Edgar Cézár Nolasco\*\**

**RESUMO:** Este trabalho propõe uma teorização epistêmico-conceitual acerca do suplemento biográfico-cultural partindo do conceito de suplemento à esteira de Jacques Derrida. Para tanto nos valeremos de uma epistemologia de cunho crítico biográfico fronteiriço, uma vez que pensamos a partir de lócus e de corpos específicos. Nossa teorização se dará por meio de uma leitura comparatista entre o conto “Macabéa, Flor de Mulungu” de Conceição Evaristo e a novela *A hora da estrela* de Clarice Lispector. Nesta perspectiva, nos embasaremos nos pressupostos da crítica biográfica e crítica biográfica fronteiriça desenvolvidas respectivamente pelos intelectuais Eneida Maria de Souza e Edgar Cézár Nolasco. Por fim, almejamos considerar em nossa leitura, o bios e o lócus dos sujeitos envolvidos nesta reflexão bem como suas (in)corporações nas produções literárias e intelectuais, partindo da premissa de que é a partir das sensibilidades do corpo é que se dão tais produções.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crítica biográfica fronteiriça; suplemento; suplemento biográfico-cultural.

**A Flor de Mulungu: por um suplemento biográfico-cultural**

Entretanto, a diferença não é justificada em termos de classe, mas em termos de etnia, gênero, sexualidade e algumas vezes nacionalidade, isto é, se acontece que a nacionalidade em questão seja “contra” os ideais democráticos e nacionalistas ocidentais. Ninguém é excluído porque ele ou ela é pobre. Empobrece porque foi excluído. Por outro lado, essa diferença nos permite compreender que gênero e diferenças étnicas e sexuais poderiam ser absorvidos pelo sistema e situados na esfera da subalternidade inferior.

MIGNOLO. *Histórias locais / projetos globais*, 243 – 244.

Na epígrafe acima Walter Mignolo aponta algumas características pelas quais a configuração da diferença colonial é justificada. Entretanto, o que me interessa é refletir a respeito das duas mais cruéis e nocivas consequências dessa diferença, a saber, o preconceito e a

---

\* Doutoranda em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

\*\* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

exclusão. Assim, a mulher negra sofre em dobro por estar enquadrada em duas destas características, ou seja, ela é condenada do gênero e da etnia ao mesmo tempo. Se na sociedade brasileira, em pleno século XXI, ainda perdura o preconceito em relação às mulheres, não é difícil inferir a que preconceito seja exacerbado quando se trata de uma mulher negra.

Não intento aqui, minimizar as mazelas sociais que atingem as mulheres brancas, uma vez que as sofro em minha própria pele. Mas pretendo ressaltar a visível diferença em que tais mazelas atingem as mulheres negras, pois acredito que pode haver uma aproximação entre mulheres negras e brancas em muitos aspectos, suas sensibilidades femininas permitem-nas partilhar de uma empatia que pode servir de arma contra esse mal. Segundo Ângela Davis:

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras (DAVIS, 2016, p.24).

A fala acima, explicita uma visão ampla de como as mulheres negras foram submetidas desde o início da escravidão ao trabalho braçal exaustivo. Dessa maneira, a feminilidade da mulher negra fora negada e após a abolição da escravatura essas mulheres continuaram a ser exploradas em trabalhos braçais de toda espécie e sem distinção de sexo.

Embora nos estados localizados na fronteira entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos uma quantidade significativa de escravas realizasse trabalhos domésticos, as escravas do extremo Sul – o verdadeiro núcleo do escravismo – eram predominantemente trabalhadoras agrícolas. Por volta de meados do século XIX, sete em cada oito pessoas escravizadas, tanto mulheres como homens, trabalhavam na lavoura. (DAVIS, 2016, p. 24-25)

Entendo que resgatar essas histórias e memórias que foram escritas a partir do corpo feminino negro de Angela Davis<sup>1</sup> me permitem uma aproximação, por meio da semelhança na diferença (MIGNOLO), somos corpos mulheres, ora negro ora branco, corpos divididos que se (con)fundem em suas sensibilidades por experimentarem a análoga condição de exterioridade. A autora do livro *Mulheres, raça e classe* (2016) traz em sua escrita depoimentos de outras mulheres negras que viveram a escravatura. Estas experiências somadas às suas

---

<sup>1</sup>Angela Davis é negra, mulher, ativista, marxista, feminista e professora. Foi símbolo da causa negra na década de 1960 nos EUA e voltou recentemente ao centro das atenções da mídia americana após seu contundente discurso na Marcha das Mulheres, em Washington, D.C., nos EUA – no dia seguinte à posse de Donald Trump. Sua história de resistência e luta, no entanto, é em muito a história da mulher negra americana do século XX. <https://www.hypeness.com.br/2017/01/a-vida-e-a-luta-de-angela-davis/>

*sensibilidades biográficas* são capazes de me proporcionar um olhar mais amplo a respeito da história da mulher negra.

Dessa maneira, posso compreender a diferença entre falar sobre e falar *a partir de*, segundo propõe Walter Mignolo. Nesta perspectiva, eu diria: falar a partir do corpo feminino negro. Isto não implica em uma defesa minha à ideia de que apenas a mulher negra seja capaz de contar tal história e refletir sobre ela, o que sugiro é “que aqueles para quem as heranças coloniais são reais (ou seja, aqueles a quem elas prejudicam) são mais inclinados (lógica, histórica e emocionalmente) que outros a teorizar o passado em termos da colonialidade” (MIGNOLO, 2003, p. 166). Trata-se, então, da *pele-memória-história* a qual Conceição Evaristo se refere no manuscrito citado no capítulo dois desta pesquisa.

Posso compreender que a história oficial da colonização, fora escrita em uma perspectiva global que, por consequência, excluiu as histórias locais e suas respectivas sensibilidades biográficas. Isso acarretou em muitas lacunas as quais poderia chamar de marcas de um vazio (Derrida). Este vazio faz emergir a necessidade de um *suplemento*, não no sentido corrente da palavra que seria o sinônimo de complemento, mas no sentido pressuposto pela noção de *suplemento* derridiana.

Para Jacques Derrida “o suplemento é uma adição, um significante disponível que se acrescenta para substituir e suprir uma falta do lado do significado e fornecer o excesso de que é preciso” (DERRIDA *apud* NASCIMENTO, 2001, 88). O filósofo franco-argelino também relaciona o suplemento ao sentido quando trata da relação entre significante e significado, mas apresenta-o em forma de substituição e suprimento pelo excesso.

Já o mecanismo, ou seja, o “movimento do jogo das substituições no campo da linguagem” (DERRIDA *apud* NASCIMENTO, 2001, 88), Derrida nomeia de suplementariedade. Este movimento pode ser concebido enquanto performance de (re)inclusão própria de meu/nosso corpo-arquivo-escrevente, pois, escrever também é jogar no campo da linguagem é cerzir palavras, memórias e histórias locais.

Evando Nascimento (2001) afirma existir algo de desconcertante nos termos “suprir” e “suplemento”, a possibilidade de substituição de algo anterior sem necessariamente constituir uma totalidade, quando a intenção parecia ser a de acrescentar um elemento a uma outra plenitude. Para Nascimento, “se *suprir* diz do excesso que recobre a falta, *o que falta* desde o início é a completude do ‘Todo’” (DERRIDA *apud* NASCIMENTO, 2001, P. 180). Nesta perspectiva, o estudioso explica como se dá o estranhamento encontrado na maneira de pensarmos o suplemento:

a estranha lógica do suplemento se encontra consignada na própria definição do verbo *suplêrdo littré*, citada por Derrida “acrescentar o que falta, fornecer o que é preciso como excedente”. A primeira parte da definição faz de *suprir* uma espécie de sinônimo de *completar*, porém a segunda parte rompe com todo convencionalismo, pois se trata de um excesso (*surplus*) que paradoxalmente vem *suprir* uma falta, uma necessidade. (DERRIDA *apud* NASCIMENTO, 2001, 179-180)

Dessa maneira, depreendo que a dupla possibilidade de interpretação da concepção do verbo “suprir” provoca certo estranhamento, porque, ao “acrescentar o que falta” e “fornecer o que é preciso como excedente”, emergem desse verbo duas noções diferentes para conceituar um só termo. Assim, a suplementaridade se funda neste jogo de alternâncias entre substituições e excessos. Todavia, posso também entender esse excesso como um suplente que ocupa o lugar vago de um outro, mas que não se constitui enquanto esse outro, por meio do eterno jogo das diferenças. Assim,

enquanto jogo permanente do indecível, o movimento supletivo do rastro faz com que um traço anteriormente inscrito possa de novo retornar, porém na diferença. Bom e mau, permanente e instável, familiar e estranho etc. passam a ser considerados como formas opostas sobredeterminadas pelo gesto avaliativo e criativo, isto é, dotado de uma *força avaliativa* que não extrai valores *exnibilo* mas os põe numa perspectiva de ultrapasse do horizonte fenomenológico em que surgem. (DERRIDA *apud* NASCIMENTO, 2001, 183)

Substituir um lugar vazio (que se deu por consequência de uma falta ou como queira por uma necessidade) pelo excesso que supre. Sendo que essa substituição não procede pelo complemento, que, por sua vez, é “um fragmento que se une a outros fragmentos de um todo a ser acabado, reintegrado, completado em suma” (DERRIDA *apud* NASCIMENTO, 2001, 180). Ao contrário do complemento, o suplemento é “[...] aquilo que parece se acrescentar como um pleno a outro pleno, é também aquilo que supre” (DERRIDA *apud* NASCIMENTO, 2001, 176).

Em *Gramatologia* (2006), Jacques Derrida apresenta algumas definições da noção de suplemento por meio de uma analogia entre a fala e a escrita. O filósofo faz uma leitura de Jean Jacques Rousseau, que, por sua vez, vê a fala (representação natural do pensamento) como superior a escritura, pois esta na visão dele seria uma destruição da presença e uma doença da fala, afirmando também que a escritura é o suplemento da fala. Todavia, Derrida afirma que:

[...] o suplemento supre. Ele não se acrescenta senão para substituir. Intervém ou se insinua *em-lugar-de*; se ele colma, é como se cumula um vazio. Se ele representa e faz imagem, é pela falta anterior de uma presença. Suplente e vicário, o suplemento é um adjunto, uma instância subalterna que *substitui*. Enquanto substituto, não se acrescenta simplesmente à positividade de uma presença, não produz nenhum relevo, seu lugar é assinalado na estrutura pela marca de um vazio. Em alguma parte, alguma coisa, não se pode preencher *de si mesma*, não pode efetivar-

se a não ser deixando-se colmar por signo e procuração. O signo é sempre o suplemento da própria coisa. (DERRIDA, 2006, p. 178)

Assim, entendo que Derrida concebe o *suplemento* de maneira distinta da proposta por Rousseau, já que para ele, a suplência não pode ser vista como destruição da presença, mas sim como substituição e suprimento da ausência. Ademais, o suplemento também não pode ser entendido como doença daquilo que suplementa. Em outras palavras, segundo a afirmação de Derrida, na citação acima, a palavra é o suplemento do próprio “objeto”, ela se coloca no lugar de algo que não está lá para representá-lo e fazer sua vez. Dito de outro modo:

o suplemento, sempre será mexer a língua ou agir pelas mãos de outrem. Tudo aqui é reunido: o progresso como possibilidade de perversão, a regressão em direção a um mal que não é natural e que se prende ao poder de suplência que nos permite ausentarmo-nos e agirmos por procuração, por suplência, por representação, pelas mãos de outrem. Por escrito. Esta suplência sempre tem a forma dos signos. (DERRIDA, 2006, p. 181)

Se há necessidade de suplência é porque previamente existe *a marca de um vazio*, uma falta que se dá por meio da ausência, subtrai-se então uma presença, deixando um lugar vazio que precisa de representação, pelas mãos do outro. Nesse sentido, o suplemento acontece como diferença e repetição; diferença pela relação opositiva que ocorre no suprimento da falta e repetição porque se dá por meio das relações de semelhanças, jamais de igualdade, guiadas pelas diferenças.

Vale ressaltar, que a falta da qual me refiro não diz respeito as faltas do corpo, mas sim de faltas do âmbito histórico, literário e cultural. É claro que essas faltas se deram como consequência da exclusão dos corpos extrínsecos ao modelo ocidental branco e falocêntrico e de suas sensibilidades biolocalis, porém se por um lado das faltas dos corpos da exterioridade emergem a necessidade da intercorporeidade das lacunas da história da literatura e da cultura emerge a necessidade da complementariedade que seria a (re)inclusão das histórias e memórias e culturas dos corpos excluídos pelo projeto cartesiano.

O conto “Macabéa, Flor de Mulungu” (2012) de Evaristo pode ilustrar esse movimento de complementariedade que se dá no âmbito literário, trata-se de uma (re)criação de *A hora da estrela* (1977) de Clarice Lispector no contexto do século XXI, que podemos tratar enquanto um *suplemento* biográfico-cultural à novela de Lispector, pois traz à tona as questões étnicos-raciais que não são evidentes na novela de 1977 e estão muito relacionadas ao *bios* de Evaristo.

Assim, se “[...] em *A hora da estrela* é a hora de a pseudoescritora entornar o caldo contra as ideias e conceitos elitistas e intelectualizantes, excludentes e hegemônicos” (NOLASCO,

2007, p. 14), posso afirmar que no conto “Macabéa, Flor de Mulungu” é a hora de Evaristo acrescentar um suplemento biográfico-cultural e entornar um pouco mais esse mesmo caldo.

O primeiro indício desse *suplemento* biográfico-cultural no conto de Conceição Evaristo é o ato de acrescentar o nome Flor de Mulungu à representação da personagem Macabéa, sinalizando, assim, uma reescrita para a qual se apropria do *poder da suplência* e partindo dele passa a agir *por procuração, por suplência por representação pelas mãos de outrem*, ou seja, pelas mãos de sua narradora. Isso se confirma com a extensa explicação apresentada pela narradora contemporânea a respeito dessa flor:

O chá das folhas maceradas de mulungu tinha efeitos sedativos. Servia para abaxar pressão, acalmar e adormecer as pessoas. Para uns o oferecimento do chá poderia ser em abundância. Amansava feras bravias, senhores e senhoras, no gozo de escravização do outro, até a profundidade final [...]. Boa infusão a das folhas da árvore mulungu, apelidada como “amansa senhor”, “capa homem” e outras alcunhas [...]. Os povos das florestas e aqueles que tinham chegado, banhados da água salgada do mar, mantinham uma vital intimidade com as plantas [...]. De Macabéa, era o refinamento no preparo de garrafadas para uma infinidade de males. Remédios feitos nas urgências da vida. E em cada mesinha preparada, tanto era o desejo, tanta era a intenção de cura,[...] que muitos doentes acreditavam que até o aroma dos aliviantes líquidos curtidos pela flor de mulungu, como bálsamo, curava feridas do corpo e fendas da alma. (EVARISTO, 2012, p. 17-18)

Metaforicamente falando, a flor de mulungu é o excesso suplementar necessário para representação dos afrodescendentes na cultura brasileira. Nesse sentido, o conto “Macabéa, Flor de Mulungu” pode ser concebido enquanto um *suplemento* biográfico-cultural da novela *A hora da estrela* que tanto viabiliza esta representação quanto imprime as *sensibilidades biográficas* da escritora mineira.

Penso que as *marcas do vazão* que se dão nas histórias globais e que refletem nas representações literárias podem ser suplementadas por meio da inserção de histórias locais por meio das quais se imprimem o *bios* dos sujeitos fronteiriços, que, tiveram seus corpos rechaçados de sua própria história. Recuperar essas histórias, memórias e suas respectivas representações literárias significa também (re)incluir o corpo desse sujeito da exterioridade em sua própria história.

Nesse sentido, as histórias locais atuariam enquanto suplemento da história oficial brasileira, a (re)inclusão do sujeito nas escritas históricas e literárias podem resultar em uma consciência social mais ampla. Uma sociedade que deixa de ser privada do acesso às histórias locais e de uma literatura que represente essas histórias poderia compreender melhor as questões da dívida histórica e, conseqüentemente, algumas políticas sociais como, por exemplo, a das cotas raciais.

Entendo que quando o sujeito ignora histórias e sensibilidades locais, está fadado ao preconceito e a endossar e repetir o ciclo de exclusão que se formou no colonialismo e

perdura até hoje como um ranço, ou melhor, como uma ferida colonial ainda aberta. Assim, esse movimento suplementar se faz necessário também no campo das teorias, pois, como afirma o intelectual Nolasco:

A razão política de uma crítica subalterna como a da América Latina resume-se, *grosso modo*, na descolonização intelectual, na descolonização dos saberes, da pesquisa, das teorias, das produções culturais e da própria crítica. Agora, pensando em termos de Brasil, já passou da hora de a crítica subalterna brasileira entender que as teorias críticas vindas de fora, como as dos Estados Unidos e as da Europa, se, por um lado, ajudam-nos a compreender nossos problemas internos, por outro, elas não são uma “revelação” nem muito menos uma tábua de salvação (de apoio incondicional) para o crítico periférico brasileiro. (NOLASCO, 2013, p. 09)

Nesta perspectiva, o crítico periférico brasileiro precisa empreender-se em um exercício suplementar a fim de substituir na tradição moderna uma teorização que dê conta de ler as produções locais; não se trata de complementar mas, sim, de suprir, substituir, agir por meio da suplência.

A *escrevivência*<sup>2</sup> de Conceição Evaristo não pode ser lida por outro viés que não seja o da desobediência epistêmica, visto que, apenas um pensamento descolonial pode dar conta de uma reflexão crítica a respeito de seu projeto literário e intelectual que, por sua vez, habita o efêmero espaço fronteiriço, ou seja, a sua escrevivência pode ser lida enquanto um suplemento biográfico-cultural na/da literatura brasileira.

Assim, enquanto sujeito crítico fronteiriço, minha leitura tem se desenvolvido por meio de um exercício arquiviolítico, segundo a concepção derridiana, pois, como afirma o filósofo: “o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória” (DERRIDA, 2001, p. 22), dito de outro modo, o arquivo seria o suplemento da memória “que é sempre subjetiva porque construída, fruto de interpretação, e sempre social, porque herdada e, como tal, transformada, deformada” (CORACINI, 2010, p. 125). Segundo Walter Mignolo, após a segunda guerra mundial, o pensamento ocidental começa a se desabar, porque, nesse momento, os excluídos descobrem que têm história e que podem, sim, falar. Para o crítico:

La cuestión no es, por cierto, que los subalternos no pueden hablar, sino que al tomar conciencia de que los subalternos no pueden hablar, es necesario hablar constantemente para incrustar la voz en la espesura hegemónica y crear las necesarias fisuras mediante la inserción delo local, desde abajo, en lo global, desde arriba del promontorio. (MIGNOLO, 2015, p. 122)<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Conceito cunhado pela escritora mineira Conceição Evaristo para se referir a escrita literária das escritoras negras.

<sup>3</sup> A questão não era, claro, que os subalternos não pudessem falar, mas somente quando eles se tornam conscientes de que podem falar, precisam falar constantemente para incorporar a voz no bosque hegemônico e criar as fissuras necessárias por meio da inserção do local, desde baixo, no global, no topo do promontório. (tradução livre)

Então, “el sujeto local, de las márgenes, comienza a contar sus propias historias, a construir una memoria que había sido, o bien ignorada, o bien contada desde la razón occidental/imperial.” (MIGNOLO, 2015, p. 121).<sup>4</sup> Dessa maneira os sujeitos subalternos iniciam a exumação de suas memórias e a (re)escrita de suas histórias; esse processo de exumação das memórias e histórias se estende até os dias de hoje. Como afirma o estudioso Edgar Cézár Nolasco:

Não bastaram cem anos de solidão, nem muito tempo na escuridão do esquecimento, para que as memórias subalternas emergissem com luz própria, isto é, com uma epistemologia outra específica capaz de dar conta de suas especificidades voltadas para a lembrança e o esquecimento, as histórias locais e as fronteiras que, por estarem abertas para dentro e para fora ao mesmo tempo, trataram de fazer o sentido inverso quando o assunto é memórias latinas (NOLASCO, 2013, p. 146).

A partir do momento em que as memórias de um povo é silenciada, configura-se então um ato de violência contra o ser, sentir e pensar desses sujeitos. Conta-se sobre um ato de violência psicológica ao qual os negros eram submetidos quando eram separados de seu grupo para serem vendidos no mercado negro. Trata-se de um tipo de ritual agressivo no qual os negros eram obrigados a dar voltas ao redor de uma chamada “árvore do esquecimento” para que suas memórias fossem apagadas ali. Em sua tese, Conceição Evaristo menciona esse acontecimento por meio de uma fala do escritor José Luis Lizalde

Conocimos el Camino del Esclavo, un trayecto recuperado en Ouidah, lugar de la costa donde embarcaban a sus presas los barcos negreros de los portugueses, ingleses y otros pueblos “civilizados” para llevar los rumbo a América y Europa y vender a los que sobrevivían al sufrimiento del viaje y a los malos tratos. En el pueblo, antes de llegar a la playa, hay un gran árbol que es llama de el “árbol del olvido”, alrededor del cual hacían dar tres vueltas a los esclavos y les recalcan que sería la última vez que pisaban su tierra a la cual debían olvidar para siempre. (LIZALDE *apud* EVARISTO, 2011, p. 50-51)<sup>5</sup>

Mas esse povo dotado de uma resiliência admirável trazia consigo estratégias; assim, ao invés de esquecerem, eles arquivavam em seus próprios corpos as suas memórias e as espalhavam entre si por meio da oralidade, sabiam que chegaria o dia do (des)arquivamento. E chegou, assim

<sup>4</sup> “(...) o sujeito das margens, começa a contar suas próprias histórias e a (re)construir uma memória a qual foi ignorada ou (des)construída a partir da razão Ocidental/Imperial”. (tradução livre)

<sup>5</sup> Conhecemos o Caminho do Escravo, um trajeto recuperado em Uidá, lugar da Costa onde os portugueses, ingleses e outros povos *civilizados* embarcaram seus prisioneiros nos navios negreiros para levá-los em direção à América e à Europa e vender os que sobreviviam ao sofrimento da viagem e aos maus tratos. No povoado, antes de chegar à praia, havia uma grande árvore, que era chamada *árvore do esquecimento*, ao redor da qual, faziam os escravos dar três voltas e incutiam-lhes que aquela seria a última vez que pisavam em sua terra, que deveriam esquecer para sempre. (tradução livre)



Se a história *esqueceu-se* de registrar ou pouco registrou os eventos relacionados ao africano e aos seus descendentes no Brasil, a memória gesta uma ficção que passeia pelos interstícios dessa história e gesta também análises, críticas, movimentos e movimentações que forjam uma outra leitura histórica. Foi a memória celebrante de Zumbi que instituiu o 20 de novembro e constantemente pede uma revisão da história não só do negro brasileiro, mas do país. É esta memória que está sempre a lembrar que a história também é suscetível de utilização, manipulação e esquecimento. (EVARISTO, 2011, p. 55)

Evaristo cria suas bioficções e teorizações críticas por meio das quais (re)visa e (re)escreve suas histórias e as histórias dos seus, suas escrituras. Posso perceber esse processo no conto “Macabéa, Flor de Mulungu” no qual surge a imagem de uma outra árvore:

O peixe morre é pela boca, pensava Macabéa, quando ouvia essas histórias dos seus. Boa infusão a das folhas da árvore mulungu, apelidada “amansa senhor”, “capa homem” e outras alcunhas. Esses e mais conhecimentos, repito, Macabéa herdara de seus bons antecedentes. Os povos das florestas e aqueles que tinham chegado, banhados da água salgada domar, mantinham uma vital intimidade com as plantas. Boas folhas as da árvore mulungu. (EVARISTO, 2012, p. 18)

A imagem da árvore do esquecimento, que representava morte, silenciamento, violência e humilhação, dá lugar de suplência à imagem da árvore de mulungu que por sua vez representa vida, voz, luta, resistência e o fazer descolonial. A escritura dos corpos profundamente afetados pela colonialidade suplementam, suprem, substituem e trazem à tona os corpos, as memórias e as histórias suprimidos e feridos pela diferença colonial.

A guisa de conclusão, não é demais frisar que este artigo foi embasado no recorte teórico dos estudos descoloniais e da crítica biográfica fronteiriça. Propus uma leitura a partir do meu corpo e do local em que penso e desenvolvo minhas pesquisas. Nesta perspectiva, o conto da escritora mineira Conceição Evaristo “Macabéa, flor de mulungu”, no qual a personagem Macabéa de *A hora da estrela* de Clarice Lispector é reescrita em uma nova perspectiva, me permitiu ilustrar esta teorização do suplemento biográfico-cultural. Acredito que as produções literárias e intelectuais são inevitavelmente contaminadas pelas sensibilidades locais e biográficas.

Isso explica minha predileção pela crítica biográfica e pelos estudos descoloniais, pois ambos me outorgam ler tais produções por um viés epistemológico que amplia o corpus dos estudos literários ao considerar não apenas o que é de ordem do campo literário, mas também o que é do campo da cultura, do bios e do local do sujeito. Entendo que para tal leitura, houve a necessidade de uma epistemologia outra, que me possibilitou pensar para além do que a razão moderna ocidental permitiria, porquanto, ambicionei pensar também uma produção outra não enquadrada no modelo moderno/colonial do sistema-mundo que excluiu e exclui os sujeitos fronteiriços que habitam o entrelugar do qual erijo meu discurso.

### THE MULUNGU FLOWER: FOR A BIOGRAPHICAL-CULTURAL SUPPLEMENT

**ABSTRACT:** This work proposes an epistemic-conceptual theorization about the biographical-cultural supplement based on the concept of supplement to the wake of Jacques Derrida. For that, we will use an epistemology of critical biographical nature of the border, since we think from specific locus and bodies. Our theorizing will take place through a comparative reading between the short story “Macabéa, Flor de Mulungu” by Conceição Evaristo and the novel “A hora da estrela” by Clarice Lispector. In this perspective, we will base ourselves on the assumptions of biographical criticism and biographical criticism of the border developed respectively by the intellectuals Eneida Maria de Souza and Edgar César Nolasco. Finally, we aim to consider in our reading, the bios and locus of the subjects involved in this reflection as well as their (in) incorporations in literary and intellectual productions, based on the premise that it is from the sensibilities of the body that such productions occur.

**KEYWORDS:** Frontier biographical criticism; supplement; biographical-cultural supplement.

### LA FLOR DE MULUNGU: PARA UN SUPLEMENTO BIOGRÁFICO-CULTURAL

**RESUMEN:** Este trabajo propone una teorización epistémico-conceptual sobre el suplemento biográfico-cultural a partir del concepto de suplemento a la estela de Jacques Derrida. Para eso, utilizaremos una epistemología de carácter biográfico crítico de la frontera, ya que pensamos desde locus y cuerpos específicos. Nuestra teorización se realizará a través de una lectura comparativa entre el cuento “Macabéa, Flor de Mulungu” de Conceição Evaristo y la novela “A hora da estrela” de Clarice Lispector. En esta perspectiva, nos basaremos en los supuestos de la crítica biográfica y la crítica biográfica fronteriza desarrollada respectivamente por los intelectuales Eneida Maria de Souza y Edgar César Nolasco. Finalmente, pretendemos considerar en nuestra lectura, el bio y locus de los sujetos involucrados en esta reflexión, así como sus (in) incorporaciones en las producciones literarias e intelectuales, partiendo de la premisa de que es desde las sensibilidades del cuerpo que tales producciones ocurren.

**PALABRAS-CLAVE:** Crítica biográfica fronteriza; suplemento; suplemento biográfico-cultural.

### REFERÊNCIAS

- CORACINI. A memória em Derrida: uma questão de arquivo e de sobre-vida. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIIS: crítica biográfica. Campo Grande, MS: Editora UFMS, v. 2, n. 4, set. 2010.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe* [recurso eletrônico]. Tradução de Heci Regina Candi-ani. S.Paulo: Boitempo, 2016.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma Impressão Freudiana*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DERRIDA, Jacques. Este perigoso suplemento. In \_\_\_\_\_. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- EVARISTO, Conceição. Poemas malungos – cânticos irmãos. 2011. 172 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2011.
- EVARISTO, Conceição. “Macabéa, Flor de Mulungu”. In GUIMARÃES, Mayara R.; MAFFEI, Luis (Orgs.). *Extratextos 1 – Clarice Lispector, personagens reescritos*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera: sentir y pensar la descolonialidad* (Antologia, 1999-2014) Barcelona: Edicions Bellaterra, 2015.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura*. Niteroi: EDUFF, 2001.

NOLASCO, Edgar César. *Caldo de cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2007.

NOLASCO, Edgar César. A razão pós-subalterna da crítica latina. In: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: pós-colonialidade. Campo Grande, MS: Editora UFMS, v. 5, n. 9, jan./jun. 2013.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteiriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

*Recebido em: 10/04/2021.*

*Aprovado em: 17/06/2021.*